



Mentores de um projeto intelectual em jornalismo: os editores do *Caderno de Sábado do Correio do Povo* (Porto Alegre, 1967-1981)

Everton Cardoso¹

Resumo: O suplemento semanal de cultura *Caderno de Sábado* foi publicado pelo jornal *Correio do Povo* entre 1967 e 1981, em Porto Alegre. Seguiu um modelo que se consagrara, nos anos 1950, no Brasil, para esses encartes: suplementares, congregavam intelectuais que produziam, para esses espaços, textos aprofundados e que buscavam legitimação por meio da imprensa. Os editores tinham um papel preponderante no recrutamento e na seleção dos homens e mulheres que letras cujos nomes estariam relacionados a essas publicações. No caso do suplemento sulino, os jornalistas P. F. Gastal Goidanich estiveram à frente do suplemento que se tornou um articulador da cena cultural local e que foi uma enciclopédia cujo objetivo central era a formação cultural dos leitores. O *Caderno*, portanto, foi aparato de comunicação com influência sobre os processos e práticas da intelectualidade sul-rio-grandense e chegou a ter alcance nacional.

Palavras-chave: Jornalismo cultural; Suplemento cultural; Caderno de Sábado (Correio do Povo); Intelectuais; Editores.

1. Introdução

A partir da década de 1950, com a implantação de um conjunto de técnicas modernizadoras no jornalismo, as redações brasileiras começaram, aos poucos, a ser tomadas por profissionais cujas carreiras já eram voltadas especificamente para esse fazer. Nesse contexto, uma nova relação se estabeleceu entre os periódicos e a atuação dos intelectuais² que antes predominavam nesses espaços: os letrados passaram a ser fontes

¹ Doutor em Comunicação e Informação; editor-chefe do Jornal da Universidade (UFRGS); professor do curso de Jornalismo da Unisinos.

² No decorrer deste trabalho, a fim de evitar o uso excessivo da palavra “intelectual”, os termos “homens e mulheres de cultura”, “homens e mulheres de letras”, “letrados”, “elite cultural” e “cultos” – recorrentes na literatura sobre o tema – serão aplicados sem que essa opção implique em nuances ou alterações de sentido.

de informação sobre seus temas de expertise ou a colaborar com textos opinativos sobre assuntos de seu domínio; não mais integravam as equipes de produção. Nessas transformações, os jornais foram aos poucos perdendo muito de sua preponderância como lugar do debate entre os homens e mulheres de cultura; estes, aos poucos, migraram suas discussões para os partidos políticos, as redes de pesquisa, as sociedades científicas e outros setores.

Nesse contexto é que os suplementos semanais de cultura ganharam espaço como lugares em que se manifestavam, de forma mais marcante, sujeitos que transitam pelo jornalismo como vozes referenciais. Estruturaram-se, então, esses encartes especializados cujos textos mais longos ao mesmo tempo permitiam um maior aprofundamento de temas pelos autores e demandavam dos leitores uma leitura mais atenta.

No Rio Grande do Sul, o *Caderno de Sábado* se configurou como uma experiência desse gênero. Publicado semanalmente entre setembro de 1967 e janeiro de 1981, estava vinculado ao jornal *Correio do Povo*, que naquele momento já estava consagrado no cenário sulino e repercutia nacionalmente. O prestígio da Companhia Jornalística Caldas Junior, responsável pelas publicações, advinha em boa parte de seu pioneirismo no jornalismo comercial independente no sul, de sua aproximação com a produção cultural local e de seu posicionamento como centro de atração de intelectuais. À frente do projeto do *Caderno* estiveram os editores P. F. Gastal e Oswaldo Goidanich.

Intelectuais são criadores e mediadores culturais que, a partir do domínio da escrita, têm suas ideias disseminadas de forma amplificada (LIPSET, 1959; BOBBIO, 1997; WILLIAMS, 2000). A concessão do espaço público para a circulação da palavra é, pois, uma questão fundamental a se analisar. Para se coletar elementos para entender como essa dinâmica se operava no *Caderno de Sábado* e posicioná-lo historicamente, faz-se necessário entender quem foram esses mentores da publicação, já que eles representam, de alguma forma, o pensamento ao redor do qual se articulou o campo magnético que atraiu colaboradores para o suplemento. A partir da análise das trajetórias de Gastal e Goidanich e de seu papel como articuladores no contexto porto-alegrense, este artigo pretende também problematizar a figura do editor na constituição do projeto editorial e dos valores que este traduz.

2. Sociabilidade e projetos editoriais

Ao pensar sobre as relações estabelecidas pela intelectualidade, como é o caso do que tem ocorrido ao redor dos projetos dos suplementos culturais, Sirinelli (2003) trata de redes de sociabilidade: todo grupo de homens e mulheres de cultura se organiza ao redor de “sensibilidade ideológica ou cultural comum e de afinidades mais difusas, mas igualmente determinantes, que fundam uma vontade e um gosto de conviver” (p. 248). Essas estruturas constituem, pois, um agrupamento permanente ou temporário, seja qual for seu grau de institucionalização, do qual se opta participar. No caso dos intelectuais, tratar-se-ia de um coletivo relativamente restrito, como seria o caso de um grupo reunido ao redor da redação de uma revista ou do comitê de leitura de uma casa editorial. No caso específico das revistas,

[...] conferem uma estrutura ao campo intelectual por meio de forças antagônicas de adesão – pelas amizades que as subtendem, as fidelidades que arrebam e a influência que exercem – e de exclusão – pelas posições tomadas, os debates suscitados, e as cisões advindas. Ao mesmo tempo que um observatório de primeiro plano da sociabilidade de microcosmos intelectuais, elas são aliás um lugar precioso para a análise do movimento das ideias. Em suma, a revista é antes de tudo um lugar de fermentação intelectual e de relação afetiva, ao mesmo tempo viveiro e espaço de sociabilidade, e pode ser, entre outras abordagens, estudada nessa dupla dimensão” (SIRINELLI, 2003, p. 249)

De alguma forma, as publicações acabam por assumir o papel que fora desempenhado pelos salões e os cafês. Esses projetos editoriais seriam “cimentos ideológicos”, como foram também os suplementos semanais de cultura, no Brasil, a partir da década de 1950. As publicações encartadas nos jornais eram lugares onde se aglutinavam grupos que, nesse espaço editorial, encontravam uma forma de exercer sua influência e de manifestar antagonismos e afinidades (ABREU, 1996). Exemplar é o caso do pioneiro *Suplemento Literário* do jornal *O Estado de São Paulo*, surgido em 1956. Com projeto visual do artista plástico Ítalo Bianchi e editorial de Antonio Candido, o semanário abrigava a intelectualidade paulista daquele período – o que já era um movimento característico do jornal que o abrigava desde o princípio do século – e traduzia uma visão de erudição e ilustração como um ideal a ser alcançado pela parcela mais refinada

das classes médias urbanas. Ecoava em suas páginas o ideário do grupo de egressos da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo que fundara, em maio de 1941, a revista *Clima* (LORENZOTTI, 2007; WEINHARDT, 2009).

Assim como aconteceu durante todo o século XX com as revistas de cultura, os suplementos jornalísticos atraíam intelectuais, mais frequentemente, por afinidade com o projeto editorial e com seu idealizador ou organizador (COHN, 2011). Em sentido semelhante àquele que Sirinelli (1998) atribui às gerações, então, um suplemento representa a união de um grupo de intelectuais sob uma denominação específica. Num jogo de sentidos, o nome do autor passa a ser designado como “do” suplemento; simultaneamente, a publicação passa a ser designada como “do” intelectual, configurando um intercâmbio potente de capital simbólico. Essas publicações representavam, assim, a possibilidade de alinhamento a determinado grupo e, portanto, a um conjunto de crenças objetivado pela publicação: associar-se a esses projetos coletivos tornava-se uma estratégia importante com vistas à consagração – ainda que, em muitos casos, o resultado dessa aposta ainda fosse completamente imprevisível.

Dentre as características mais típicas dos suplementos culturais surgidos a partir da década de 1950, no Brasil, Sant’Anna (2001) apresenta algumas mais típicas: eram dirigidos por escritores, não por jornalistas; publicavam poemas, contos, críticas e ensaios; davam ênfase à literatura nacional; traziam mais textos que imagens; e normalmente tinham um crítico de renome responsável pela “crítica de rodapé”. Veículos cujo formato oscilava entre o colunismo e a revista literária (SÜSSEKIND, 2003), os suplementos tiveram como fatores determinantes para sua configuração a periodicidade de publicação, o espaço dado para textos mais longos e elaborados e o perfil dos autores que ali publicavam (SILVA, 1998).

Partindo dessa lógica, os suplementos culturais têm-se posicionado como lugares em que a especialização acaba por ter um movimento paradoxal: por um lado, difunde conhecimentos, numa ideia muito amparada nos preceitos originais do jornalismo; por outro, ao invés, restringe, já que exatamente se diferencia do corpo principal do periódico por não falar a todos os leitores. Esses encartes seguem, pois, a dinâmica típica do campo da produção cultural: bens restritos carregam consigo a possibilidade de distinção para quem a eles, de alguma forma, se associa. São, assim, lugares distintivos, tanto

para a publicação que os abriga, quanto para quem os edita, quem neles escreve, quem neles é tematizado ou quem os lê.

Abreu (1996), ao pensar sobre homens e mulheres de letras que circulavam por essas publicações, começa por dizer que o fato de escreverem artigos assinados para imprensa, de alguma forma, já os qualificava ao posto de intelectuais na sociedade – ainda que esse fator não fosse definitivo. Eram, predominantemente, “intelectuais criativos” – seguindo a ideia de Lipset (1959): escritores, poetas, cronistas, ensaístas, críticos e historiadores, o que tem uma relação bastante estreita com a temática normalmente apresentada por esses encartes especializados. Essas colaborações representavam, para muitos desses literatos, uma forma de sobrevivência, já que o mercado literário ainda era bastante restrito no país. Reuniam-se, ainda, ao redor desses projetos editoriais, intelectuais que desempenhavam apenas essa função e aqueles que combinavam essa atuação com o jornalismo – o que parece ser consequência da atuação paralela de muitos desses na imprensa historicamente no Brasil. Para todos, pois, figurar nessas publicações era uma forma de buscar legitimidade e reconhecimento na atuação como intelectual (ABREU, 1996).

3. Mentores do recrutamento³

O *Caderno de Sábado* se insere na história da intelectualidade sul-rio-grandense como o lugar de reunião da elite cultural durante a década de 1970. Ainda que a associação desses agentes em projetos editoriais não fosse nenhuma novidade em Porto Alegre, a experiência do suplemento do *Correio do Povo* emerge com destaque tanto pela sua longevidade e frequência quanto pela sua repercussão. O CS surgiu num momento bastante particular da história cultural de Porto Alegre: havia certo vazio no que se referia ao protagonismo na articulação da intelectualidade e na circulação de suas ideias. Para se ter ideia, o quinzenário *Revista do Globo* deixara de circular em 1967; último

³ As ideias de recrutar, cooptar e arremessar, no caso do *Caderno de Sábado*, são tomadas em sentido mais aproximado dos sentidos de agregação, atração, reunião e formação de um todo. Colocam o CS, assim, numa posição de receptação e de lugar de confluência – mais passivo, portanto –, e não num lugar de busca. Isso porque, para a intelectualidade, o suplemento era um lugar importante de prestígio e visibilidade ao qual acorriam.

periódico da Editora Globo⁴ a deixar de ser publicado, já sinalizava que o antes nacionalmente poderoso empreendimento cultural já não tinha a mesma força de antes. Mesmo que já houvesse outras instituições de congregação – a Academia Rio-Grandense de Letras (1901) e o Instituto Histórico e Geográfico do RS (1920), por exemplo – nenhuma delas assumira um lugar central. O campo acadêmico, nesse momento, apesar de já em expansão e consolidação, ainda não tinha o lugar predominante que depois viria a ter – tanto é que muito da produção dos professores e pesquisadores das principais universidades sulinas acabava por circular graças à imprensa.

Entre as experiências editoriais, o suplemento *Cultura*, do então jovem jornal de tom popular *Zero Hora*, tampouco se posicionara nesse lugar: com edições quinzenais, surgira cinco meses antes do *Caderno de Sábado*, mas circulou somente até 1970. É muito provável que o capital simbólico acumulado pelo jornal da Caldas Júnior tenha assegurado uma melhor posição ao suplemento do *Correio do Povo* dentro do contexto local e, assim, pôde atrair uma quantidade maior de intelectuais consagrados e mesmo novatos.

O contexto do final dos anos 1960 e da década seguinte já era marcado por um processo de organização e institucionalização da produção cultural na capital gaúcha, seja em instâncias estatais, no campo acadêmico ou mesmo sob a forma de organizações e associações independentes. Nesse contexto, o suplemento da Caldas Junior formou, ao redor de si, um sistema; ao mesmo tempo, integrou uma rede de agentes e instituições que transcendia o Rio Grande do Sul. Posto em perspectiva histórica, portanto, ganha posição de destaque como aglutinador de intelectuais naquele período e, como documento, resta como registro.

Destacam-se, a partir disso, as modalidades de acesso ao suplemento cultural, marcadas pelas escolhas de seus editores e pelo espaço concedido por eles. Estaria, nessa espécie de comporta, o mecanismo que teria por resultado o encarte semanal em suas edições isoladas e, depois, na coleção. Constitui, pois, um conjunto que fixa a imagem

⁴ A Livraria do Globo, na primeira metade do século XX, alcançou projeção nacional e internacional. Até 1947, sua atividade editorial de traduções, organização de coleções e de produção de enciclopédias foi incessante (TORRESINI, 2010). Ficou notória por publicar o quinzenário de circulação nacional *Revista do Globo* (1929-1967) e a revista trimestral *Província de São Pedro* (1945-1957), que reunia nomes expressivos da intelectualidade brasileira.

da rede que se articulou a partir da publicação e em função dela. O *Caderno de Sábado*, por isso, participou do registro da história da intelectualidade em Porto Alegre ao mesmo tempo que a construiu. Estiveram, nesse sistema articulado pelos editores, aqueles agentes que se identificaram, de alguma maneira, com o projeto por eles coordenado e que remanesceu como um modelo de engajamento cultural que adquiriu relevância no contexto sul-rio-grandense da década de 1970.

É possível, então, dizer que parte significativa desse alinhamento está relacionada às afinidades existentes entre os colaboradores e Paulo Fontoura Gastal e Oswaldo Goidanich⁵, editores da publicação. Em seus relatos memorialísticos, Gastal (1996) conta que entrou para o *Correio do Povo*, no princípio dos anos 1950, como colaborador – *free lancer* – por intermédio de Oswaldo Goidanich, a quem chama de grande amigo. Ambos mantinham uma relação de proximidade desde a fundação do Clube de Cinema de Porto Alegre, em 1948. Naquela ocasião, é importante destacar, saíram como presidente e vice da entidade. Na década de 1960, estiveram envolvidos em mais dois projetos bastante significativos na cena local: os festivais de coros do Rio Grande do Sul e a construção do novo Auditório Araújo Vianna⁶.

Nos anos 1970, já editores do *Caderno de Sábado*, foram parceiros na criação e organização do Festival de Cinema de Gramado – cuja primeira edição ocorreu em 1972, e integraram a Comissão Especial de Estudos de Levantamento e Preservação do Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural do Rio Grande do Sul. Ocupantes de posições importantes na articulação, na organização e na administração da cena cultural porto-alegrense e de posições privilegiadas no jornal de maior importância do Rio Grande do Sul naquele momento, ambos os jornalistas contribuíram para a imagem do suplemento que coordenaram a partir de 1967. Para compreender, então, esse lugar ocupado pelos editores, é importante examinar alguns aspectos mais específicos de suas trajetórias.

⁵ Gastal coordenou o *Caderno de Sábado* durante todo o período compreendido neste estudo (1967-1981). Goidanich atuou de maneira mais próxima entre 1967 e 1974; depois disso, relacionou-se com a publicação de maneira informal.

⁶ O Auditório Araújo Vianna originalmente estava no Centro Histórico de Porto Alegre. Em 1964, para dar lugar à construção do novo edifício da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul, foi transferido para o Parque Farroupilha – conhecido também como Parque da Redenção.

4. Oswaldo Goidanich (1917-1995)

O porto-alegrense Oswaldo Goidanich⁷, desde cedo, era atraído pela música, pelas artes plásticas e pelo turismo. O envolvimento com este último se deu, sobretudo, a partir de sua atuação, entre 1935 e 1979, no Touring Club em sua seção sul-riograndense – instituição esta que teve o diretor do *Correio do Povo*, Breno Caldas, entre seus fundadores. Também na entidade dedicada ao turismo foi a primeira experiência como jornalista: editou e escreveu a *Revista do Touring*. Nesse âmbito, também atuou no Serviço Estadual de Turismo (1959-1963), na Embratur (1981-1984) e coordenou as atividades do Biênio da Colonização, em 1974 e 1975 – evento comemorativo alusivo a várias efemérides relacionadas às chegadas de imigrantes europeus ao Rio Grande do Sul.

Nos anos 1940, Goidanich chegou a participar de exposições como artista plástico e também desempenhou funções de organização e administração do setor: foi diretor da Associação Rio-Grandense de Artes Plásticas Francisco Lisboa. Mais adiante, nas décadas de 1960 e 1970, aproximou-se da gestão de iniciativas estatais e independentes, ligadas à organização do campo cultural local. No jornalismo, depois de uma rápida passagem de quatro meses como cronista esportivo de *O Estado do Rio Grande*, começou a trabalhar, em 1940, como redator de *A Nação*; no ano seguinte, migrou para o *Diário de Notícias*; e, em 1943, foi para o *Correio do Povo*, no qual chegou a ser chefe de reportagem e secretário de redação. Entre 1960 e 1967, trabalhou na área de promoções desta última publicação e coordenou as atividades no auditório da Caldas Junior durante os dez anos em que o espaço existiu e que, inclusive, abrigou exposições de arte. Voltou à redação em 1967, quando substituiu Carlos Reverbel como editor e redator da seção literária. Tinha intenção de editar um suplemento, mas conseguira apenas dobrar o espaço da seção para duas páginas aos sábados.

Enquanto dividiu a editoria do *Caderno de Sábado* com Gastal, entre 1967 e 1974, também coordenou as atividades culturais da Assembleia Legislativa do Rio

⁷ As informações utilizadas para compor este relato biográfico foram obtidas na obra *Dois pioneiros da Comunicação no Rio Grande do Sul: Oswaldo Goidanich e Roberto Eduardo Xavier* (HOHLFELDT; VALLES, 2008).

Grande do Sul. Sobre a relação que Goidanich manteve com o *Caderno de Sábado*, depois de seu afastamento da Caldas Júnior, o jornalista Ney Gastal diz:

Ele saiu na realidade do jornal, ele não saiu do “Caderno”. Ele nunca saiu, ele parou de diagramar, mas ele passava lá uma vez por semana e dava palpites, levava textos, sugeria coisas. Ele se demitiu, mas não *desgrudou*... o Goida tinha ideias e tocava ideias (HOHLFELDT; VALLES, 2008).

A partir dessa época, afastado do *Correio do Povo*, Goidanich se dedicou à direção do Touring, à coordenação do Biênio da Colonização e Imigração e à Presidência da Orquestra Sinfônica de Porto Alegre (Osipa) – cargo este que ocupou até 1981.

5. P. F. Gastal (1922-1996)

Figura central na vida cultural de Porto Alegre no século XX, Paulo Fontoura Gastal⁸ nasceu em Pelotas e já desde muito cedo teve apreço pelo cinema: trabalhava como “ajudante” no Cine Capitólio, de sua cidade natal, para poder ter acesso livre às exhibições de filmes. Por essa mesma época envolveu-se, também, com política estudantil e logo começou a produzir textos para o jornal *Diário Popular*. Chegou a Porto Alegre em 1946 e, depois de atuar no comércio, logo iniciou uma colaboração de três anos com a *Revista do Globo*.

Nos anos 1950, depois de uma rápida passagem pelo *Correio do Povo*, atuou no Rio de Janeiro e em São Paulo por um breve período em iniciativas ligadas à produção cinematográfica. De volta a Porto Alegre, em 1951, estabeleceu com o campo da produção cultural uma relação próxima e esteve envolvido com diversas iniciativas no Rio Grande do Sul, como já detalhado na abertura deste capítulo, várias delas em parceria com Oswaldo Goidanich.

A fundação do Clube de Cinema, porém, é provavelmente dos momentos mais emblemáticos de sua trajetória. Começara a escrever para a *Revista do Globo* aos 25 anos e essa era, naquele momento, uma publicação de alcance nacional. O nome do crítico, portanto, já estava bastante ligado à produção cinematográfica. Tanto é que, na

⁸ As informações aqui utilizadas para compor a biografia de P. F. Gastal foram obtidas no *site* do projeto Delfos (<<http://www.pucrs.br/delfos/?p=gastal>>) e a partir das obras de Dillemburg (1997), Gastal (1996) e Lunardelli (2000; 2008).

associação de cinéfilos, sempre foi figura referencial para os participantes pelas próximas décadas.

Foi, no entanto, na Caldas Júnior, que atuou por mais tempo: mais de 30 anos. Contava ter recebido ‘carta branca’ de Breno Caldas quando, em 1951, retomou a atividade no *Correio do Povo*: editava as páginas sociais e de cultura do periódico. Assinou a coluna de crítica na *Folha da Tarde* e teve programa da Rádio Guaíba. Só não teve influência sobre a *Folha da Manhã*, que era gerida por um grupo a que ele não pertencia (LUNARDELLI, 2008). Durante todo esse período, aproveitou o lugar hegemônico ocupado pelos veículos da Caldas Junior em Porto Alegre para divulgar o que considerava bom cinema e, de alguma forma, o Clube de Cinema (LUNARDELLI, 2000).

Como jornalista, foi na *Folha da Tarde* que Gastal teve sua experiência inicial como um incentivador da produção cultural: na virada dos anos 1960 para os 1970, criou e manteve, às terças-feiras, uma página semanal em que jovens – principalmente estudantes universitários – publicavam resenhas das estreias cinematográficas na semana. A partir dessa atuação, P. F. Gastal é visto como um “foco difusor e congregador da produção cultural e intelectual do estado” (LUNARDELLI, 2008, p. 71) – papel este que desempenhou por quase meio século. Tal era a atração exercida pelo crítico e editor da Caldas Júnior, que sua mesa, na redação do *Correio do Povo*, era uma referência no panorama cultural de Porto Alegre. A partir da atuação como editor do *Caderno de Sábado*, a imagem de Paulo Fontoura ficou ainda mais associada ao fomento da produção em jornalismo cultural, sobretudo de jovens. Por meio dessa espécie de diletantismo, então, se posicionou em um lugar de destaque no contexto local, mas com alcance no cenário brasileiro. Permaneceu, assim, no imaginário sobre a movimentação no jornalismo e na cultura gaúcha durante o século XX.

Em depoimento concedido a Dillemburg (1997), Oswaldo Goidanich rememora o quanto ele e o colega de redação estavam preocupados com a quantidade de trabalhos recebidos na redação do *Correio do Povo* e que, por falta de espaço, não podiam publicar. O jornalista conta:

Paulo Fontoura Gastal, crítico de cinema e editor da página diária de notícias culturais, sofria junto comigo. Gastal, apesar do seu temperamento irascível, escondia um coração de ouro e os moços intelectuais confiavam nele. Ele os atraía como o mel atrai a abelha operária. Ambos sonhávamos em substituir as páginas literárias por um verdadeiro suplemento que fosse mais abrangente

no enfoque dos fatos culturais e servisse, sobretudo, à revelação de novos valores para as letras e as artes do Rio Grande do Sul (p. 134-135).

São recorrentes, em depoimentos (CARDOSO, 2009), descrições de colaboradores do *Caderno de Sábado* que definem o editor como um incentivador, promotor cultural e visionário.

Esse papel protagonista dessas figuras tão típico no cenário do jornalismo brasileiro do século XX, sobretudo nos suplementos semanais de cultura, os colocava num lugar decisivo no processo de cooptação de intelectuais para figurarem nas páginas dos veículos que coordenam. Nesse sentido, é marcante o relato de P. F. Gastal a seu filho Ney Gastal, quando trata do processo de seleção de textos para o suplemento e que, de alguma forma, permitia o estabelecimento de vínculos com o *Caderno de Sábado*.

Ney Gastal: Sair em suas páginas era uma disputa concorridíssima, e havia toda uma mitologia sobre a composição da *comissão de seleção* que escolhia quem seria e quem não seria publicado. Já se pode falar nisto?

P. F. Gastal: Acho que sim. Eu procurava ouvir as pessoas. Em termos de poesia, por exemplo, tinha na redação um cara muito bom, que era o Pio de Almeida. Tinha também o Paulo de Gouvêa, que era ótimo para ajudar a selecionar os poetas. Mario Quintana, coitado, levava a fama, ouvia broncas dos poetas não publicados, mas não participou nunca do processo. No máximo e poucas vezes, trazia um recomendado, que, é claro, era publicado. Guilhermino Cesar participava mais. Mas não havia uma comissão formalmente constituída. No fundo a edição toda era feita no peito e na raça, até porque não havia muito tempo para digressões. Dezesesseis páginas por semana, em tabloide, não é pouca coisa. E houve vezes, em edições especiais, que foram muito mais. O Caderno chegou a sair com trinta e duas páginas. Foi uma experiência única, que além de publicar contistas, poetas, historiadores, ensaístas e por aí afora, ainda trazia, toda semana, na capa, uma obra de artista plástico gaúcho, servindo para divulgar e lançar muita gente (GASTAL, 1996, p. 259).

Goidanich e Gastal, portanto, tiveram na imprensa um espaço socialmente valorizado a partir do qual puderam fazer repercutir as ideias da intelectualidade. Editores, selecionavam autores e textos segundo critérios que – ainda que ponderáveis – estavam marcados por suas preferências e crenças. Inseridos no conjunto do aparato comunicativos, participaram dos processos de organização das práticas dos letrados e, assim, incidiram sobre os modos de atuação e competição desses sujeitos tanto em seus círculos mais restritos quanto na realidade social mais ampliada. Brunner e Flisfisch (1983) apontam o quanto a dificuldade de acesso ao mesmo tempo pode tornar uma publicação

mais prestigiosa e pode torná-la forma de consagração mais valiosa e, por isso, mais almejada. Nesse sentido, o papel desempenhado pelos editores é o de conceder lugar e dimensionar esse espaço. Detêm, pois, o típico poder do jornalismo de nomear e excluir simbolicamente a partir da concessão de espaço e das dimensões e características deste.

6. Considerações finais

O *Correio do Povo*, desde sua fundação, tentava se posicionar como um núcleo ao redor do qual se articulavam nomes relevantes da intelectualidade local (GALVANI, 1995). A partir dessa perspectiva, pode-se dizer que o suplemento surgido em 1967, marcado pelo prestígio de seus idealizadores e editores, atraía homens e mulheres de cultura que – produtores ou mediadores – nutriam certa admiração intelectual pelo periódico e pelos profissionais a ele associados (SIRINELLI, 1998). Pode-se dizer que o empreendimento cultural concretizado por meio do projeto editorial do *Caderno de Sábado* adquiriu alcance, abrangência e, por isso, significado histórico. Consistiu em círculo de fidelidade ao redor de figuras mentoras e, por meio dessa atuação, fixou uma visão de mundo compartilhada – ainda que com variações de matizes.

Entreveem-se, no projeto editorial, valores ligados à formação do leitor por meio do texto qualificado – indicados pela presença da literatura e de seus nomes consagrados –, o que reflete a tradição cultural brasileira advinda ainda do princípio do século XIX, que legava à produção literária uma posição de maior prestígio e ressonância – o que se enfatiza também pelo caráter central do domínio do código escrito como forma de acesso à posição de intelectual. Tendo em vista as trajetórias dos editores, ainda, tem-se uma dimensão do valor que as atividades e expressões culturais diversas – como artes visuais, turismo, cinema e música – tiveram para eles. Nesse sentido, é possível ver alguns condicionantes para a ideia de um conhecimento enciclopédico marcado pela variedade temática que se concretiza no *Caderno de Sábado* (CARDOSO, 2009).

Ao abrirem espaço para iniciantes – traço este bastante marcante principalmente na trajetória de Gastal –, os jornalistas permitiam a emergência de criadores e mediadores culturais em potencial (SIRINELLI, 1986; 2003). Apostavam, assim, em novos talentos que podiam, pela presença no CS e pela conseqüente associação a letrados que tinham notoriedade, chegar a, no futuro, ocupar posições mais prestigiosas dentro do

campo intelectual. A publicação, portanto, serviu de atração para aqueles cuja habilidade para a escrita – seja ela analítica ou literária – os credenciava a ocupar um lugar na imprensa e, mais importante ainda, um lugar reservado ao bom texto – à boa leitura, à boa cultura, por extensão. Indicativa disso é a declaração de Gastal (1996) de que escolhia para o *Caderno de Sábado* as críticas mais sérias e densas, quando essas apareciam.

Ao operarem essas dinâmicas, então, os editores faziam do suplemento um lugar de promoção e organização da cultura: na rede de processos e agentes que constitui a produção cultural e a estrutura do campo intelectual, eram uma interseção pela qual muito disso passava e que funcionava como dinamizadora e disseminadora. Tanto é que de forma explícita esse valor auto atribuído aparecia em alguns dos poucos e sucintos textos editoriais publicados no suplemento (CARDOSO, 2010). Como mentores do projeto editorial, portanto, imprimiram a ele ideais de promoção e organização da cultura que também foram constantes em seus itinerários biográficos.

Goidanich e Gastal, então, consistiram em peritos que, pela posição que ocupavam na imprensa, detinham o poder de selecionar os nomes que comporiam o rol de autores presentes no CS. Sendo a imprensa naquele momento ainda um lugar importante de atribuição do estatuto de intelectual, os jornalistas acabavam por exercer esse papel de recrutamento: aqueles que, a seu juízo, apresentassem uma produção textual qualificada passaram a figurar no suplemento; este, por sua vez, se construiria como o lugar de uma superelite, no sentido proposto por Sirinelli (1998). Escolhidos pelos editores, esses homens e mulheres de letras eram implicitamente designados como intelectuais; ao estarem nesse espaço restrito, eram destacados com relação a seus pares não selecionados, o que operava um processo simultâneo de reconhecimento e de estratificação da intelectualidade. O *Correio do Povo* e o *Caderno de Sábado*, por meio da ação dos editores, angariavam lucro simbólico advindo dessas presenças notórias; esses intelectuais, da mesma forma, obtinham capital simbólico ao estarem nesse lugar – o suplemento – que era, simultaneamente, consagrado e consagrador.

Ao conduzirem o processo de elaboração e organização da publicação – portanto imersos no campo jornalístico – Gastal e Goidanich acabavam por também se relacionar com o campo intelectual porto-alegrense. Tornaram-se operadores de uma intrincada rede e fizeram com que o *Caderno de Sábado* assumisse, nas dinâmicas da intelectuali-

dade, a posição de aparato de comunicação. De acordo com Brunner e Flisfisch (1983), esse conjunto mecanismos, tecnologias e processos organiza as práticas da intelectualidade e, assim, transforma as ocupações, os modos de competir por prestígio e posição e mesmo a relação desses sujeitos com o restante da sociedade.

Autoridades legitimadas, os editores selecionavam os intelectuais cujas palavras fariam ressoar por meio da publicação que coordenavam. O prestígio desses jornalistas, combinado com o capital simbólico acumulado pelo *Correio do Povo* nas décadas que antecederam o lançamento do CS, também os credenciava a, pelo menos naquele contexto específico, fazer um processo seletivo. Cooptavam, dessa maneira, intelectuais que comporiam a produção dos sujeitos mais habilitados a fornecer uma leitura qualificada para o fim de semana – lógica esta inerente a uma parte significativa dos projetos editoriais dos encartes semanais dedicados à literatura e à cultura no Brasil. Fizeram do projeto do *Caderno de Sábado*, portanto, uma estratégia coletiva, já que compartilhavam uma posição de prestígio para intelectuais daquele período. Muitos deles, inclusive, tinham a imprensa como lugar de circulação de seu pensamento e de acúmulo de capital simbólico que lhes serviria como forma de posicionamento dentro dos microcosmos específicos de suas profissões e, ainda, no contexto social mais amplo da cidade e do país.

Selecionar, reconhecer e classificar são processos que integram a escrita documental e, portanto, histórica. Ao cooptarem intelectuais para as páginas do *Caderno de Sábado* por meio de processos editoriais, então, Gastal e Goidanich, de alguma forma, escreveram parte significativa da história da intelectualidade. Foram, portanto, intelectuais que, aos atraírem para o projeto editorial que encabeçavam um conjunto de ilustrados que se identificavam com essa iniciativa, formaram uma rede ao seu redor e esta restou como memória, tanto pelo documento que o CS passou a constituir, quanto pelas lembranças ao redor da publicação e de quem a ela se ligou. Dessa maneira, ainda que marcado por um viés do jornalismo e de seus editores, o suplemento representou em seu tempo o desenrolar cronológico de uma época determinada; hoje, passadas mais de três décadas de sua extinção, consiste em recorte datado da sociedade e de seus intelectuais e abre perspectivas para a reflexão acerca do papel desempenhado pelo jornalismo e por seus agentes.

Referências

- ABREU, Alzira alves. Os suplementos literários: os intelectuais e a imprensa nos anos 50. In: _____; MATTMAN-WELTMAN, Fernando; FERREIRA, Marieta de Moraes; RAMOS, Plínio de Abreu. (orgs.) **A imprensa em transição: o jornalismo brasileiro nos anos 50**. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 13-60.
- BOBBIO, Norberto. **Os intelectuais e o poder: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea**. São Paulo: Unesp, 1997.
- BRUNNER, José Joaquín; FLISFISCH, Angel. **Los intelectuales y las instituciones de la cultura**. Santiago: FLACSO, 1983.
- CARDOSO, Everton. Bom gosto e prestígio em um suplemento cultural: a lógica o Cardeno de Sábado do Correio do Povo em seu próprio discurso (Porto Alegre, 1967-1981). **Conexão – Comunicação e Cultura**, Caxias do Sul, v. 9, n. 18, p. 133-147, jul-dez 2010.
- _____. **Enciclopédia para formar leitores: a cultura na gênese do Caderno de Sábado do Correio do Povo** (Porto Alegre, 1967-1969). 2009. Dissertação (Mestrado em Pós Graduação em Comunicação e Informação) – Programa de Pós-graduação em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.
- COHN, Sergio. **Revistas de invenção: 100 revistas de cultura do modernismo ao século XXI**. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2011.
- DILLENBURG, Sérgio Roberto. **Correio do Povo: história e memórias**. Passo Fundo, RS: Ediupf, 1997.
- GALVANI, Walter. **Um século de poder: os bastidores da Caldas Júnior**. 2.ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1995.
- GASTAL, Ney. Uma vida em três amores. In: GASTAL, P. F. **Cadernos de cinema de P. F. Gastal**. Porto Alegre: Unidade Editorial, 1996. p. 251-266.
- HOHLFELDT, Antonio; VALLES, Rafael Rosinato. **Dois pioneiros da Comunicação no Rio Grande do Sul: Oswaldo Goidanich e Roberto Eduardo Xavier**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.
- LIPSET, Seymour Martin. American intellectuals: their politics and status. *Daedalus*, Massachusetts, v. 88, n. 3, p. 460-486, summer 1959. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/20026515?seq=1#page_scan_tab_contents>. Acesso em: 20 fev 2016.
- LORENZOTTI, Elizabeth. **Suplemento Literário, que falta que ele faz!: 1956-1974 do artístico ao jornalístico: vida e morte de um caderno cultural**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007.
- LUNARDELLI, Fatimarlei. **A crítica de cinema em Porto Alegre na década de 1960**. Porto Alegre: Secretaria Municipal de Cultura; UFRGS, 2008.
- _____. **Quando éramos jovens: história do Clube de Cinema de Porto Alegre**. Porto Alegre: UFRGS; Secretaria Municipal de Cultura, 2000.
- SANT’ANNA, Affonso Romano. Paradigmas do jornalismo cultural no Brasil. In: DINES, Alberto (org.). **Espaços na mídia: história, cultura e esporte**. Brasília: Banco do Brasil, 2001. p. 36-49.
- SILVA, Wilsa Carla Freire da. **Cultura em pauta: um estudo sobre o Jornalismo Cultural**. 1998. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) Universidade de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, 1998.
- SIRINELLI, Jean-François. As elites culturais. In : RIOUX, Jean-Pierre ; _____ . **Para uma história cultural**. Lisboa : Estampa, 1998. p. 259-279.
- _____. Le hasard ou la nécessité ? Une histoire en chantier : l’histoire des intellectuels. **Vingtième Siècle : revue d’histoire**, Paris, v. 9, n. 1, p. 97-108, 1986.

- _____. Os intelectuais. RÉMOND, René. **Por uma história política**. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003. P. 231-269.
- SÛSSEKIND, Flora. **Papéis colados**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.
- TORRESINI, Elisabeth Rochadel. **Editora Globo**: uma aventura editorial nos anos 30 e 40. São Paulo: USP; Com-Arte; UFRGS, 1999.
- WEINHERDT, Marilene. Indexação do *Suplemento Literário d'O Estado de S. Paulo*: relato de uma experiência. In: SIMÕES JUNIOR, Alvaro Santos; CAIRO, Luis Roberto; RAPUCCI, Cleide Antonia (orgs.). **Intelectuais e imprensa**: aspectos de uma complexa relação. São Paulo: Nankin, 2009. p. 213-221.
- WILLIAMS, Raymond. **Cultura**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.